

ÁSIA OCIDENTAL REAGE À PROVOCAÇÃO DE TRUMP COM O SIONISMO

Por M. K. Bhadrakumar*



Imagem gerada por inteligência artificial.

Há o temor de uma possível guerra regional, pelo fato de Israel estar sendo encorajado pelo apoio dos EUA para a causa sionista nos próximos quatro anos.

A vitória eleitoral de Donald Trump na eleição de 5 de novembro está sendo percebida na região da Ásia Ocidental com crescente ansiedade como um presságio de que os Estados Unidos se alinharão cem por cento com o projeto sionista para o Grande Israel.

Embora Trump tenha mantido os *neocons* vociferantes longe de suas posições governamentais, o mesmo não pode ser dito de figuras pró-sionistas. O primeiro-ministro Benjamin Netanyahu afirma que [já falou três vezes com Trump](#) desde a eleição e que eles “*veem olho-no-olho em relação à ameaça iraniana e todos os seus componentes*”.

Os “*componentes*” implicam que Netanyahu espera receber um cheque em branco de Trump para acelerar a limpeza étnica em Gaza, para anexação da Cisjordânia, represálias violentas contra palestinos e, mais importante, para levar a guerra direto para o território iraniano.

Três eventos em tantos dias nesta semana mostram os primeiros sinais de uma reação crescente. Na segunda-feira, o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores do Irã, Esmail Baqaei, deu a primeira reação oficial de Teerã à vitória

eleitoral de Trump. Baqaei adotou uma linha sutil dizendo: “*O que importa para nós nesta região é o comportamento e as políticas reais dos Estados Unidos em relação ao Irã e à Ásia Ocidental em geral.*”

Notavelmente, Baqaei expressou “*otimismo cauteloso de que o novo governo [Trump] pode adotar uma abordagem mais voltada para a paz, reduzir as hostilidades regionais e manter seus compromissos.*” (Tehran Times) Baqaei também refutou a recente alegação de Washington de que o Irã estava envolvido em conspirações para assassinar Trump. Ele chamou a alegação do governo Biden de “*nada mais do que uma tentativa de sabotar as relações*” entre Teerã e Washington ao “*colocar armadilhas para complicar o caminho para o próximo governo.*”

Baqaei também garantiu ao novo governo dos Estados Unidos que Teerã adere firmemente a um programa nuclear para fins pacíficos. Ele anunciou que Rafael Grossi, chefe da Energia Atômica Internacional (AIEA), deveria chegar a Teerã na quarta-feira (13) à noite.

Tomadas em conjunto, as observações de Baqaei sugerem que o Irã espera que ainda haja uma possível luz do dia entre Trump e Netanyahu. O argumento decisivo aqui teria sido a observação de que Trump entrou em seu [discurso de vitória](#) com grande deliberação em 6 de novembro: “*Não vou começar uma guerra. Vou parar as guerras.*”

Trump deixou registrado durante sua campanha eleitoral que “*Não quero causar danos ao Irã, mas eles não podem ter armas nucleares.*” As consultas de Teerã com Grossi respondem à preocupação de Trump. Este é um pensamento inteligente. A postura não provocativa do Irã significaria que não há alibi para atacar o Irã.

Dito isso, no entanto, o “desconhecido conhecido” ainda permanece – ou seja, a retaliação do Irã ao ataque israelense em 26 de outubro. Em 2 de novembro, o líder supremo aiatolá Ali Khamenei, em um vídeo divulgado pela mídia estatal iraniana, prometeu “*uma resposta esmagadora*” ao ataque israelense. Concebivelmente, o período até 20 de janeiro, quando Trump tomar posse, será crítico.

Enquanto isso, nesta semana testemunhamos que o Irã e a Arábia Saudita deram força à sua distensão, que agora está se manifestando como a solidariedade de Riad e apoio aberto ao Irã em seu crescente confronto com Israel.

Em meio às crescentes tensões na região, o chefe do Estado-Maior das Forças Armadas da Arábia Saudita, Fayyad al-Ruwaili, visitou Teerã em 10 de novembro e se encontrou com seu colega iraniano, o general Mohammad Bagheri. O presidente iraniano Masoud Pezeshkian [falou ao telefone](#) com o príncipe herdeiro saudita Mohammed bin Salman no contexto de uma cúpula da Organização de Cooperação Islâmica (OIC) – Liga Árabe em Riad em 11 e 12 de novembro. O Irã estendeu um convite a MbS para visitar Teerã!

Dois destaques extremamente significativos da cúpula de Riad foram, primeiro, o discurso inaugural do príncipe saudita, onde ele alertou Israel contra atacar o Irã.

Isso marcou uma virada histórica de Riad em direção ao conflito Teerã-Israel, e para longe da normalização apoiada pelos EUA com Jerusalém.

MbS [disse na cúpula](#) que a comunidade internacional deveria obrigar Israel “*a respeitar a soberania da República Islâmica do Irã e não violar suas terras*”.

Mais uma vez, a Arábia Saudita acusou Israel pela primeira vez de [cometer “genocídio”](#) em Gaza. MbS disse aos líderes reunidos em Riad que o reino renovou “*sua condenação e rejeição categórica do genocídio cometido por Israel contra o povo palestino irmão...*”

Trump foi avisado de que está enfrentando um cenário geopolítico radicalmente diferente na Ásia Ocidental em comparação com seu primeiro mandato como presidente. A equipe de transição de Trump está mantendo suas cartas fechadas, oferecendo ao *NatSec Daily* uma declaração clichê de que Trump tomará as “*ações necessárias*” para “*liderar nosso país*” e “*restaurar a paz pela força*”. Mas os sinos de alerta estão soando.

Os principais pilares da estratégia de “*pressão máxima*” de Trump contra Teerã – isolar o Irã e aumentar a pressão econômica, mantendo ao mesmo tempo uma ameaça crível de força militar como dissuasão – tornaram-se instáveis.

Por outro lado, o enorme ataque de mísseis balísticos iranianos contra Israel em 1º de outubro e o fracasso colossal do ataque aéreo israelense contra o Irã 26 dias depois transmitem uma mensagem forte por toda a Ásia Ocidental de que Israel não é mais a potência militar dominante que costumava ser – e há um novo xerife na cidade. Trump terá que navegar pelas consequências de ambos os lados dessa questão tendo à disposição o capital diplomático e geopolítico dos Estados Unidos diminuído.

Enquanto isso, Teerã também está aprofundando sua cooperação com a Rússia, o que adiciona uma nova complexidade gigante do tamanho da Ucrânia à política de Trump para o Irã. Enquanto na Eurásia os Estados Unidos têm aliados, Trump está navegando na Ásia Ocidental praticamente sozinho.

O isolamento absoluto dos Estados Unidos vem à tona dramaticamente [pelo anúncio do presidente](#) Recep Tayyip Erdogan na quarta-feira (13) de que a Turquia, um país membro da OTAN, cortou todos os laços com Israel. Erdogan revelou isso a jornalistas a bordo de seu avião depois de visitar a Arábia Saudita. Uma tendência regional do ostracismo de Israel é visível agora e está destinada a se expandir e se aprofundar.

A cúpula em Riad testemunhou a União Africana se unindo à Liga Árabe e à OIC para assinar um acordo tripartite na terça-feira para estabelecer um mecanismo de apoio à causa palestina, que será coordenado pelos secretariados das três organizações como um divisor de águas para fortalecer sua influência em fóruns internacionais. O ministro das Relações Exteriores da Arábia Saudita, príncipe Faisal bin Farhan, observou que as três organizações agora falarão com uma só voz internacionalmente.

Mesmo com a conclusão da cúpula em Riad, o príncipe herdeiro Salman teve uma ligação na quarta-feira com o presidente russo Vladimir Putin. A transcrição do Kremlin declarou que os dois líderes “*reafirmaram seu compromisso de continuar a expansão consistente*” dos laços russo-sauditas e especificamente “*enfatizaram a importância de continuar a coordenação estreita dentro da OPEP+ e declararam a eficácia e a pontualidade das medidas que estão sendo tomadas neste formato para garantir o equilíbrio no mercado global de energia*”.

Sobre o conflito palestino-israelense, a [transcrição do Kremlin](#) observou com satisfação que “*as abordagens de princípios da Rússia e da Arábia Saudita com relação ao acordo no Oriente Médio são essencialmente idênticas*”.

A iniciativa de MbS de revigorar sua conversa com Putin só pode ser vista no contexto das profundas dúvidas em Riad em relação ao relacionamento entre Trump e Netanyahu e ao espectro de uma possível guerra regional assombrando a região, pelo fato de que Israel está sendo encorajado pelo apoio dos Estados Unidos para a causa sionista durante os próximos quatro anos.

Publicado no [Indian Punchline](#).

**M. K. Bhadrakumar foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afeganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.*
